

**DOENÇAS, MEDICINA POPULAR E SOCIEDADE
PROVINCIAL: ASPECTOS DO TRATAMENTO DE
DOENÇAS NA FAMÍLIA VIEIRA DOS SANTOS
(MUNICÍPIO DE MORRETES, PROVÍNCIA DE SÃO
PAULO, 1848-1851)**

*André Luiz Moscaleski Cavazzani**
*Sandro Aramis Richter Gomes***

RESUMO: Neste artigo, é desenvolvido um estudo acerca da natureza do tratamento das doenças do negociante português Antônio Vieira dos Santos (1784-1854) e de seu filho José Vieira dos Santos (1813-1850), de 1848 a 1851. Eles habitavam a vila de Morretes, que na época pertencia à jurisdição da província de São Paulo. O objetivo fundamental deste artigo é investigar a natureza da terapêutica de uma família que pertencia à elite social do aludido município. Nesse quadro, demonstra-se a coexistência, na formulação dessa terapêutica, de recomendações da medicina erudita, de sugestões de curandeiros e dos manuais de medicina popular.

PALAVRAS-CHAVE: Doenças. Sociedades provinciais. Terapêutica caseira.

ABSTRACT: In this paper we developed a study on the nature of the treatment of diseases of the merchant Antônio Vieira dos Santos (1784-1854) and his son José Vieira dos Santos (1813-

* Coordenador do Curso de História do Centro Universitário Internacional de Curitiba (UNINTER). Possui doutorado em História Social pela Universidade de São Paulo (2013). Realizou estágio de pós-doutorado junto ao Departamento de História da Universidade Federal do Paraná nos anos de 2014 e 2015.

** Doutor em História pela Universidade Federal do Paraná (2017).

1850), between the years 1848 and 1851. They lived in the municipality of Morretes, under the jurisdiction of the Province of São Paulo. The objective of this article is to investigate the nature of therapeutic of a family that belonged to the social elite of Morretes. It is demonstrated the coexistence, in the formulation of this therapy, of recommendations of erudite medicine, suggestions of halers and manuals of popular medicine.

KEYWORDS: Diseases. Home therapy. Provincial societies.

Introdução

Neste artigo, é empreendida uma investigação acerca do tratamento das enfermidades do português Antônio Vieira dos Santos (1784-1854) e de seu filho José Vieira dos Santos (1813-1850), entre os anos de 1848 e 1851. Eles residiam na vila Morretes. Trata-se de um município litorâneo que naquela época pertencia à jurisdição da província de São Paulo e presentemente integra o território do estado do Paraná, cuja criação ocorreu no ano de 1853.

Antônio Vieira dos Santos e seu filho, José Vieira dos Santos, atuaram como negociantes de erva-mate. Pertenceram à geração dos negociantes que vivenciaram o processo de crescimento da produção do mate no litoral e no primeiro planalto do atual estado do Paraná (PEREIRA, 1996), e integravam a elite social de Morretes. Os ascendentes maternos de José Vieira dos Santos estavam envolvidos na vida social e econômica desse município desde o fim do século XVIII (CAVAZZANI, 2013).

Nascido na cidade portuguesa do Porto, Antônio Vieira dos Santos transferiu-se para o Brasil em 1797. Após breve estada na cidade do Rio de Janeiro, fixou residência na vila de Paranaguá, no litoral sul da Capitania de São Paulo, em 1798, onde atuou como comerciante varejista. Em 1814, enraizou-se na então vila de Morretes, onde faleceu. Era casado com Maria Ferreira de

Oliveira (1787-1840), filha do imigrante açoriano João Ferreira de Oliveira (GOMES, 2012).

A presente abordagem consiste em uma análise acerca da natureza dos tratamentos de saúde executados na pequena sociedade provincial no contexto do Brasil monárquico.¹ Compete evidenciar a natureza e as implicações de um modelo de tratamento de enfermidades marcado pela convergência do acatamento de sugestões advindas da medicina oficial, de curandeiros e de manuais de medicina popular. Recorrer aos préstimos de indivíduos que dominavam artes populares da cura era crucial para os aludidos moradores. Nesse contexto, é sustentado o argumento segundo o qual, no âmbito de uma sociedade do litoral sul da Província de São Paulo, o saber dos médicos e o saber dos curandeiros estavam relacionados de maneira estrita na formulação da terapêutica de doenças de membros da elite local.

Este artigo enquadra-se, assim, na linhagem de estudos que obteve especial desenvolvimento a partir dos anos 2000 e é respeitante às formas de terapêutica aplicadas no Brasil do século XIX.² Demonstra o desenvolvimento de abordagens respeitantes à natureza dos préstimos de indivíduos que dominavam as artes populares de cura, salientando, ao mesmo tempo, que o estudo

¹ Em 1853, foi criada província do Paraná. No ano seguinte, o presidente da província, Zacarias de Góes e Vasconcelos, produziu um relatório no qual é informado o contingente populacional dos municípios da nova província. A análise dessas informações permite evidenciar que, em meados do século XIX, a vila de Morretes, que fora elevada à condição de vila em 1841, possuía uma população inferior à população dos municípios de Antonina e Paranaguá. De acordo com o mencionado relatório, o contingente populacional do litoral paranaense, em 1854, estava distribuído do seguinte modo: Paranaguá – 6.533 habitantes; Antonina – 4.160 habitantes; Morretes – 3.709 habitantes; Guaratuba – 3.564 habitantes; Guaraqueçaba – 3.475 habitantes (VASCONCELOS, 1854, p. 14).

² A esse respeito, compete menção aos seguintes estudos: Armus; Hochman (2004); Chalhoub (2003); Farias (2012); Ferretti (2004); Figueiredo (2002); Pimenta (1998); Ribeiro (1997); Sampaio (2003); Viotti (2012); Witter (2001); Witter (2007).

sobre as políticas públicas na área da saúde desenvolvidas no Brasil monárquico tem contribuído para o entendimento acerca da intervenção das elites políticas em fenômenos como a eclosão de surtos epidêmicos.

Compete destacar o contemporâneo desenvolvimento, pela historiografia, de uma compreensão sobre a rotina do tratamento de doenças dos habitantes das províncias, tratando-se de uma vertente de estudo que salienta a convergência de formas terapêuticas vigentes naquele contexto. Assim, argumenta-se que os textos memorialísticos de Antônio Vieira dos Santos contribuem para a formulação dessa compreensão. Mais precisamente, o estudo desses textos possibilita uma compreensão sobre o ecletismo dos métodos terapêuticos de membros de elite social de área interiorana, bem como permite reconhecer os efeitos da adoção desses métodos.

No segundo estágio do artigo, elabora-se a análise acerca do tratamento de enfermidades de José Vieira dos Santos, que se estendeu entre os anos de 1848 e 1850. O estudo a respeito desse tratamento possibilita demonstrar a natureza e os impactos, no âmbito de uma vila do extremo sul da Província de São Paulo, da terapêutica caseira empregada por membros de elite local, ressaltando as formas de aglutinação, por tais membros, dos saberes oriundos da medicina oficial e das artes populares de cura.

O saber médico era requisitado pelos habitantes dessas sociedades. Porém, tal inclinação para o contato com os profissionais formados na medicina oficial não impedia membros da elite da vila de Morretes de recorrer aos conhecimentos fornecidos por curandeiros. Dessa maneira, será destacado que os familiares dos enfermos da família Vieira dos Santos passavam a demandar, de forma rotineira, os serviços de indivíduos que não possuíam a formação da medicina erudita, que, em sua maior parte, se enquadravam na condição de curandeiros. Na vila de Morretes, em meados do século XIX, um tratamento de saúde era marcado pela combinação entre orientações médicas e recomendações dos cultores das artes populares de curar.

Nesse quadro, o caso do tratamento de enfermidades de membros da família Vieira dos Santos permite salientar a aceitação, por integrantes de elite local do Brasil Meridional, de recomendações terapêuticas emanadas de distintas fontes – da medicina erudita e das artes populares de cura. Por outro lado, demonstra-se que as dificuldades para o acesso rotineiro aos médicos e aos curandeiros instaurava uma situação na qual os membros da família Vieira dos Santos buscavam os conhecimentos de leigos que pertenciam ao seu círculo de relações sociais. Desse modo, para atestar o caráter multifacetado de uma terapêutica de membros de família de elite local do Sul do Brasil no século XIX, compete evidenciar a diversidade do perfil dos indivíduos demandados a participar da elaboração e rearranjos dessa terapêutica.

Ao longo desse estágio do artigo, salienta-se que, em virtude das aludidas dificuldades, os próprios familiares ministravam um tratamento aos enfermos, um tratamento paliativo destinado apenas a abrandar padecimentos crônicos. O estudo sobre a formulação desse tratamento caseiro permite reconhecer, para o caso de uma área litorânea do Brasil Meridional de meados do século XIX, a disseminação de manuais de medicina popular. Mais precisamente, trata-se de salientar um caso da aceitação, por membros de elite local, das recomendações inerentes a tais manuais.

Este artigo ainda comporta a investigação acerca do tratamento das doenças do comerciante Antônio Vieira dos Santos. Nesse quadro, destacam-se dois elementos de tal tratamento. Primeiro, demonstra-se que essa terapêutica fora elaborada por meio da consulta a manuais de medicina popular, os quais eram amplamente utilizados no Brasil monárquico. De outra parte, será ressaltado que as características do tratamento da doença de Antônio Vieira dos Santos evidenciam um caso do interesse das elites locais pelos préstimos de curandeiros.

Por meio da leitura dos textos memorialísticos de Antônio Vieira dos Santos, evidencia-se a completa ausência de auxílio de médicos na formulação do tratamento das doenças desse

negociante. Ao mesmo tempo, eram episódicas as suas interações com curandeiros. Cabe destacar, ainda, os efeitos da iniciativa de um membro de elite local, em face dos obstáculos para o contato frequente com médicos e curandeiros, arrogar para si a tarefa de elaborar uma terapêutica de suas enfermidades.

A fonte empregada para o desenvolvimento deste artigo foi o manuscrito memorialístico *Memórias dos sucessos mais notáveis acontecidos desde o ano de 1838*, cuja redação foi encerrada pelo citado Antônio Vieira dos Santos em 1851. Essa obra comporta informações acerca do percurso do autor e de seus filhos na sociedade de Morretes.³

Médicos, curandeiros e tratamento caseiro: a enfermidade de José Vieira dos Santos

A narração elaborada por Antônio Vieira dos Santos a respeito da enfermidade e tratamento de seu filho, José Vieira dos Santos, não apresenta um preciso diagnóstico da doença. Há, apenas, a menção de que seu filho sofria de espasmo, que, naquela época, era encarado como a causa de ataques convulsivos. De fato, um dos eventos descritos pelo memorialista Vieira dos Santos sobre o tratamento de seu filho foi um ataque convulsivo ou apoplético. No século XIX, um dos mais disseminados manuais de medicina do Brasil, o Dicionário de Medicina Popular, empregava os vocábulos apoplexia e espasmo como sinônimos de ataque convulsivo.⁴

³ Esse volume está sob a guarda do Círculo de Estudos Bandeirantes (Curitiba, Rua XV de Novembro, 1050).

⁴ No século XIX, espasmo era um termo empregado comumente na literatura médica da Europa em referência a convulsões. Em sua edição de 1890, *Diccionario de medicina popular e das sciencias acessórias para uso das familias*, de Pedro Chernoviz, definiu espasmo do seguinte modo: “contração involuntária dos músculos, principalmente dos que não obedecem à vontade, taes como são os do estômago dos intestinos, da uretra, etc. Precede frequentemente a convulsão, mas pode existir sem ella. Além d’isto o sentido da palavra espasmo é mui vago: às vezes emprega-se como synonymo de convulsão; frequentemente toma-se por ataque de nervos. Aplica-se também o nome de *ar de espasmo* à moléstia chamada *tétano*; e com o mesmo nome se designa às vezes a *apoplexia*”. (CHERNOVIZ, 1890, p. 1028).

Nesse quadro, o estudo acerca do tratamento de saúde de José Vieira dos Santos, ocorrido entre os anos de 1848 e 1850, evidencia a autoridade conferida aos curandeiros por integrantes da elite mercantil de uma vila do Brasil Meridional, em meados do século XIX. Compete destacar que os membros dessa elite despendiam recursos para viajar ao encontro de médicos de vilas adjacentes. Entretanto, esses membros não tinham condições de manter rotineira comunicação com os médicos. Ao mesmo tempo, verifica-se que também era circunstancial o contato com curandeiros. No curso do tratamento de membros dessa família, notadamente de Antônio Vieira dos Santos, nota-se a influência dos manuais de medicina popular para o fornecimento de diretrizes para o próprio enfermo formular seu tratamento.

Ao longo deste estudo é também evidenciado que os membros dessa parentela realizavam procedimentos terapêuticos sugeridos por leigos que pertenciam ao rol de amigos dos aludidos enfermos. Ou seja, os integrantes do círculo de relações sociais dos Vieira dos Santos interferiram, em distintos momentos, na elaboração da terapêutica de enfermidades.

Segundo Antônio Vieira dos Santos, a enfermidade de José Vieira dos Santos principiou em novembro de 1848. Nessa oportunidade, esse indivíduo estava a realizar o beneficiamento de erva-mate na região dos campos de Curitiba, no primeiro planalto do atual estado do Paraná. José Vieira dos Santos era casado com Joana Hilária Morocine Borba, filha de Vicente Antônio Rodrigues Borba, que detinha a patente de Capitão de Milícias de Curitiba (COSTA, 1988). Desse modo, José Vieira dos Santos possuía conexões familiares com membros da elite social do planalto curitibano.

Por consequência, esse negociante enquadrava-se na condição de integrante de elite mercantil que em tese poderia despendar recursos para a consulta com médicos e a aquisição de medicamentos. Entretanto, as dificuldades existentes na região da vila de Morretes para a execução de um tratamento prescrito por médicos tornava necessário buscar o auxílio de indivíduos que não possuíam formação na medicina erudita.

Em novembro de 1848, José Vieira dos Santos sofreu o primeiro ataque convulsivo. Nessa ocasião, foi socorrido por seu sogro. Conforme o relato de Antônio Vieira dos Santos, “Em 21 Terça a meia noite teve meu fº Joze hum ataque repentino apopletico estando dormindo com sua Esposa e filhas e se não fosse o Borba estar acordado certamtº morreria” (SANTOS, 1851, p. 113).

Nesse contexto, a ocorrência de um ataque apoplético impeliu José Vieira dos Santos a regressar para Morretes. Em seguida, ele procurou ajuda médica na cidade de Paranaguá, distante cerca de trinta quilômetros daquela vila. Contudo, os seus familiares também demandaram as orientações de indivíduos que não possuíam formação em medicina, tais como curandeiros e boticários.

As informações transcritas a seguir são referentes a acontecimentos do mês de dezembro de 1848. Elas evidenciam que, desde o seu início, o tratamento da enfermidade de José Vieira dos Santos revestiu-se de um caráter multifacetado. Esse caráter era decorrente do fato de que diversas pessoas foram consultadas para a formulação de um tratamento para a moléstia desse negociante ervateiro. Nesse âmbito, atente-se ao seguinte excerto respeitante a episódios da terapêutica de José Vieira dos Santos:

Em 2 Sabado depois do meio dia chegou meu filho Joze vindo das Campinas. De noite se representou no Theatro o Drama o Valido Sanguinario e o Entemez do Sovina. Em 3 Domº de tarde foi meu genro Agostinho com meu filho Joze a Paranaqua consultar ao Medico Allemão o Dr. Killer e na canoa lhe deu alguns ataques passageiros de tal molestia dizendo o dito Medico ser Espasmo e voltarão de Paranª no dia 6. Em 19 Terça depois do meio dia deu em meu filho Joze hum ataque repentino da molestia com repuxamtº de todos os membros e boca pª o lado direito q’ lhe aturou talvez 15 minutos tornando depois ao seu natural. No dia 20 se lhe deu um purgante de rum; e no dia 21 se tornou a escrever pª Paranaqua a consultar novamte o medico Allemão Dr. Killer e ao Boticario

Carlos Augusto de Mello Franco. Em 25 Segunda consultei com Joze Pedro Stanisláo da S^a sobre a molestia de meu filho Joze, q' mandou-lhe fazer fricções e banhos de pediluvios nas pernas. (SANTOS, 1851, p. 114-115).

O excerto supracitado demonstra que, no princípio do tratamento de José Vieira dos Santos, os seus familiares reivindicaram o auxílio de três indivíduos, a saber, um médico, um boticário e um membro da elite social de Morretes (José Estanislau). Este integrante da elite local era o marido de Ana Gonçalves Cordeiro, pertencente a uma família cujos membros se dedicavam ao comércio de erva-mate naquela vila (REVISTA GENEALÓGICA LATINA, 1956). Portanto, as informações acerca de José Estanislau evidenciam a existência de um compartilhamento de informações, entre indivíduos pertencentes ao mesmo estrato social, acerca de formas caseiras de tratamento de enfermidades.

Verifica-se, assim, que a formulação de uma terapêutica de doenças, em uma vila do litoral sul paulista, era marcada pelo acatamento das recomendações de médicos e boticários. Ao lado dessas recomendações, as famílias dos enfermos também conferiam legitimidade às sugestões de indivíduos que não possuíam a formação na medicina erudita, mas também não se enquadravam na qualidade de curandeiros e boticários. Antes, eram leigos que possuíam informações úteis à execução de uma terapêutica caseira. Este era o caso de José Estanislau.

A análise da narrativa de Antônio Vieira dos Santos demonstra a presença de médicos de origem europeia nos municípios litorâneos de Antonina e Paranaguá, na primeira metade do século XIX. Duas décadas após os episódios estudados neste artigo sobre o tratamento de enfermidades na família Vieira dos Santos, os municípios do litoral paranaense ainda permaneciam carentes de médicos.

Para corroborar esta afirmação, compete analisar o *Recenseamento Geral do Império de 1872*. Nessa ocasião, o litoral da Província do Paraná era composto por seis municípios. De

acordo com a fonte, no mencionado ano, três médicos habitavam a cidade de Paranaguá. Na época, residiam nesse município dois farmacêuticos. Em Guaraqueçaba, não havia médicos, cirurgiões e farmacêuticos. Em Guaratuba, também não existiam médicos, cirurgiões e farmacêuticos. No município de Antonina, por sua vez, havia um médico e um farmacêutico. Em Morretes, residia somente um médico. Nessa localidade, em 1872, não existiam cirurgiões e farmacêuticos. No município de Porto de Cima, por fim, havia apenas um médico. Contudo, ali não residiam cirurgiões e farmacêuticos (RECENSEAMENTO DO BRAZIL EM 1872, 1874, p. 33-48).

Em síntese, o excerto abaixo reproduzido permite salientar a natureza eclética de um tratamento de saúde executado por membros de parentela pertencente à sociedade interiorana do Brasil Meridional. Tal tratamento era marcado pelo contínuo acatamento e abandono de sugestões provenientes de distintas fontes.

As informações transcritas na sequência permitem salientar que, na vila de Morretes de meados do século XIX, o emprego de recomendações de curandeiros era realizado de modo concomitante à utilização de prescrições de indivíduos que praticavam a medicina oficial. Ao mesmo tempo, os conhecimentos de um cultor da homeopatia foram demandados para a execução do tratamento de um integrante da referida parentela. Desde época anterior ao início do tratamento de Antônio e José Vieira dos Santos, membros dessa parentela eram propensos a buscar os conhecimentos dos cultores das artes populares de cura. A busca por esses cultores ocorria simultaneamente à demanda pelas prescrições médicas.⁵

⁵ Na vila de Paranaguá, a citada Maria Ferreira de Oliveira, esposa de Antônio Vieira dos Santos, procurou pelo auxílio de uma curandeira em 1849. Nessa ocasião, Maria Ferreira também consultara com um médico, Guilherme Wyllie. Segundo Vieira dos Santos, a curandeira ministrou a Maria Ferreira conhecimentos sobre a preparação de remédios: “[Em 16 de abril de 1840] Quinta fra Santa de noite Ma [Ferreira de Oliveira] foi a lgr^a Matriz ver o sermão da Paixão e depois pacear plas ruas te foi a caza de hua mer curandeira p^a lhe ensinar alguns remédios.” (SANTOS, 1851, p. 366).

Na vila de Morretes, Julião era o curandeiro que prestou serviços tanto para José Vieira dos Santos quanto para Antônio Vieira dos Santos. Leia-se, pois, as informações referentes ao tratamento de José Vieira dos Santos ao longo dos meses de janeiro e fevereiro de 1849:

Em 1 [de janeiro de 1849] Segunda escrevi ao medico de Paran^a o Dr. Killer, esclarecendo as perguntas que elle exigia saber relativas a molestia de meu filho Joze. Desde o dia 1^o té 6 não teve nenhum ataque. Em 7 Dom^o de m. teve meu f^o Joze hum forte ataque e foi chamado o homeopatha Francez Nicoláo Moye, e principiou dando-lhe doses de diversos remedios como Cachomilla – Lachecis – China – Sulfanor vomica – Belladona. E com este curativo levou ate 4 de Fev^o sem que meu f^o experimetase melhoram^{tos} pois q' os ataques lhe repetição diarios, e varias vezes no dia e tambem de noite. Em 27 de Janeiro Sabado se chamou um Medico Suisso q' mora na V^a Antonina chamado Carlos Tobias Reichesteiner que veio a Morres para o consultar. Em 2 [de fevereiro de 1849] Sesta tomou meu fo Joze a lombrigueira preparada pello Medico Suisso e nenhum effeito teve. Os ataques continuarão diarios: de manhã a tarde e outras vezes de noite. Tratou-se então de consultar ao Julião a fazer-lhe remedios contra lombrigas e asim em 8, 9 e 10 tomou banhos de clysteis de hua erva chamada Pacobá. (SANTOS, 1851, p. 116-117).

A referência à participação de Nicolau Moye no curso do tratamento de José Vieira dos Santos consiste em uma evidência, no âmbito do litoral sul da província de São Paulo, que os conhecimentos da medicina oficial coexistiam com os conhecimentos oferecidos pelas artes populares de cura e também pela homeopatia. A atuação de Moye ocorreu no período que a historiografia situa como a época inicial da difusão da homeopatia no Brasil. O período de inserção do saber homeopático no Brasil abrangeu as décadas de 1840 e 1850 (LUZ, 1996). Nessa época, em distintas províncias do Império, houve indivíduos que se ocuparam de desenvolver métodos terapêuticos a partir da homeopatia (CHACON, 1983).

Diante das dificuldades para o contato com o médico alemão Killer, radicado em Paranaguá, Antônio Vieira dos Santos solicitou os préstimos de outro médico, de origem suíça, Carlos Tobias Reichstener, que residia no município de Antonina. O pai de José Vieira dos Santos optou por demandar a orientação de um profissional que atuava em uma vila mais próxima a Morretes, Antonina⁶.

Em um cenário social marcado pela ausência de médicos brasileiros, profissionais oriundos de outros países tinham os seus serviços requisitados pela população de municípios do litoral do atual estado do Paraná. Durante o século XIX, apenas um membro da sociedade de Paranaguá obteve graduação em Medicina. Formado no Rio de Janeiro, em 1873, Leocádio José Correia (1848-1886) retornou no ano seguinte ao município natal para clinicar (HOERNER JÚNIOR, 1979).⁷ Nessa época, persistia no Brasil a carência de médicos tanto nas mais populosas cidades do Império quanto em áreas do interior das províncias. O contingente de graduados pelas faculdades de Medicina do Rio de Janeiro e de Salvador era insuficiente para suprir essa carência (SANTOS FILHO, 1991).

Nesse quadro, o tratamento de José Vieira dos Santos era marcado pela ingestão de chás, resultado da aplicação de sugestões da homeopatia e de procedimentos como o clister. Esse procedimento consiste na injeção de água no ânus para realizar a limpeza intestinal. De outra parte, o emprego da técnica do clister, por José Vieira dos Santos, é uma evidência da ampla utilização desse método no Brasil. No princípio do século XX, tal emprego mantinha-se comum nas orientações médicas sobre lavagem intestinal (REZENDE, 2009).

No decorrer dos anos de 1849 e 1850, os textos memorialísticos de Antônio Vieira dos Santos não registram novas consultas de

⁶ A distância entre o município de Morretes e o município de Antonina é de cerca de quinze quilômetros.

⁷ Acerca da formação educacional e da atuação profissional desse médico, ver Hoerner Júnior (1979).

seu filho com médicos que habitavam as sociedades de Antonina e Paranaguá. Desse modo, o tratamento de José Vieira dos Santos passou a ser orientado pelo curandeiro Julião.

Ao mesmo tempo, havia a solicitação ocasional para que um *sangrador* participasse desse tratamento. Na vila de Morretes de meados do século XIX, a prática da sangria era ainda encarada como uma técnica eficaz para a purificação do organismo. Esse procedimento era combinado com a ingestão de substâncias que promoviam evacuações regulares. Assim, a tentativa de purificação do organismo era o aspecto rotineiro da terapêutica caseira de José Vieira dos Santos. Leia-se, pois, a referência à contratação do serviço de um sangrador no curso do tratamento desse comerciante, contratação que ocorreu no mês de fevereiro de 1849:

Em 13 [de fevereiro de 1849] Terça tomou o remedio preparado pello Julião contra as lombrigas e não teve nenhum ataque nos dias 14 e 15, mas dia Sesta 16 teve um fortissimo ataque que ate ficou com a cor de rosto denegrado e continuou dando-lhe no dia 17 e 18. Em 19 Segunda se lhe deu hum purgante de Jalapa Ruibarbo Manna Senne por receita do Julião contra a m^a opinião e p^r effeito da irritação do m^{mo} lhe deu 9 ataques fortissimos desde manhã ate as 3 horas da madrugada. Ficou fraco abatido dezanimado e com fortissima dor de cabeça. Em 20 Terça fr^a esteve meu f^o Joze mto dezanimado e sem querer comer nada. Consultei a Joze Pedro pa que se sangrasse o que se fes no pé mas pouco sangue botou. Em 21 Quarta se sangrou no pé bastante sangue m^{to} negro e a m^{ma} se repetio no dia 22 Quinta e levou deitado com dores de cabeça e rins. Em 23 Sesta dor de cabeça e rins vista turva e teve de tarde hum forte ataque e hua indigestão. Em 24 Sabado dor de cabeça e rins sem poder obrar nem ourinar tomou huns laxantes por bebida. De noite se lhe botarão 6 bichas sobre os rins e 1 na testa que extrairão m^{to} sangue. (SANTOS, 1851, p. 117).

A utilização da técnica da sangria no tratamento de José Vieira dos Santos evidencia que componentes da elite social de uma vila

paulista também faziam uso de métodos terapêuticos comumente identificados com a população que ocupava uma posição inferior na hierarquia social.⁸ De outra parte, havia ocasiões nas quais os próprios familiares incumbiam-se da tarefa de prescrever um tratamento para o enfermo. Uma dessas prescrições era o retorno de José Vieira dos Santos para a região do planalto curitibano, pois a mudança de ares era encarada como proveitosa para que ele recuperasse sua saúde.

Em março de 1849, Antônio Vieira dos Santos recomendou tal mudança como uma iniciativa derradeira para o tratamento da moléstia de seu filho. O insucesso da terapêutica recomendada por médicos, boticários e curandeiros exigia que os parentes do enfermo realizassem mudanças no método curativo. A esse respeito, cumpre transcrever as seguintes informações apresentadas por Antônio Vieira dos Santos referentes a episódios ocorridos em março de 1849:

Em 16 [de março de 1849] Sesta falei dezenganadamente a meu fº [José Vieira dos Santos] pª subir a Coritiba e mudar de ares e escrevi ao Borba duas cartas hua com dacta de 15 e outra de 16. Em 19 Segunda foi a carta pª o Borba a qual chegou no dia Terça 20 a tarde. Em 21 Quarta das 9 pª as 10 horas da manhã se foi embora meu fº Joze pª Cora indo a cavallo e acompanhado por varias pessoas chegando as Campinas plas 4 horas da tarde infelism^{te} tendo no Campo hum peq^{no} ataque cuja noticia recebi a 23. (SANTOS FILHO, 1851, p. 119).

⁸ Concernente à utilização dos serviços dos sangradores por membros das camadas sociais populares no Brasil colonial, Maria Cristina Wissenbach afirmou: “Assim, diante das profundas desigualdades sociais, acentuadas ao limite pela escravidão, os produtos de botica, muitos deles provenientes do reino, e profissionais e médicos eram quase que prerrogativas dos mais ricos; remédios caseiros, fórmulas feitas com ervas e outros produtos de valor medicinal, curandeiros e mezinheiros, barbeiros, sangradores e cirurgiões era quilo com que podiam contar os setores remediados, pobres e escravos da colônia.” (WISSENBACH, 2002, p. 118).

O tratamento de José Vieira dos Santos, até o momento de seu falecimento, foi realizado por meio da aplicação das recomendações de curandeiros. Em abril de 1850, por exemplo, Antônio Vieira dos Santos apresentou a seguinte informação sobre o tratamento de seu filho: “[Em 20 de abril de 1850] Principiou o curador Antônio Fran^{co} da Trindade a curar meu filho Joze” (SANTOS, 1851, p. 219).

Ao se verificar que o tratamento era também formulado a partir de sugestões fornecidas por indivíduos que pertenciam ao círculo de relações sociais da família dos Santos, mas não atuavam como médicos, cirurgiões ou curandeiros, identificou-se sugestão apresentada pelo sogro de José Vieira e anotada por Antônio Vieira dos Santos: “Em 28 [de abril de 1850] Terça chegou de Coritiba o [Vicente] Borba e ensinoume como era de se fazer o remedio do queixo da cobra cascavel p^a Joze tomar” (SANTOS, 1851, p. 222).

Pertencente à elite local curitibana, Vicente Borba, em agosto de 1850, providenciou a ida de um médico até a vila de Morretes, com a finalidade de atender a José Vieira dos Santos. Tratava-se da derradeira tentativa de ministrar a esse indivíduo uma terapêutica para mitigar os efeitos do *espasmo*. Nessa ocasião, o médico cujos préstimos foram demandados foi acolhido na residência de um membro do grupo de negociantes de Morretes, Modesto Gonçalves Cordeiro, que era uma liderança local do Partido Conservador (ALVES, 2014). Acerca da participação do médico de Curitiba no tratamento de José Vieira dos Santos, leia-se o seguinte extrato memorialístico elaborado pelo pai do enfermo:

Em 5 Seg^{da}, 6 Terça e 7 [de agosto de 1850] Quinta padecendo os m^{mos} ataques repetidos e iguaes martyrios. Neste ultimo dia de manhã foi vezitallo hum Medico que veio de Coritiba a pedido do Borba chamado Joze Joaq^m Marques S^{za} o qual examinando me dice achara o pulso abatido mas que inda bem lhe respondera a pergunta que lhe fes com a palavra desgraça. Na tarde do mesmo dia fui em caza do Ten^e Core^l Modesto Gls Cordeiro vezitar ao mesmo

Medico, e ate lhe dei por escripto hua circunstanciada exposiçõo do tratamento que se lhe tinha seguido em seus curativos desde o principio ate ao presente. Depois das 8 horas da noite o mesmo medico me mandou hum receituario para no outro dia se entrar em principio de hum curativo regular. (SANTOS, 1851, p. 224).

Entretanto, a terapêutica recomendada pelo aludido médico não foi executada, visto que José Vieira dos Santos faleceu no dia seguinte à visita desse profissional. Por meio das informações do memorialista Antônio Vieira dos Santos, verifica-se que:

Neste dia [9 de agosto de 1850] de tarde e ate as 9 ou 10 horas da noite soltou a voz, mais claramente comeu, cigarrou, só dizia que não havia de amanhecer e lastimandose a cada momento no maior dezespero de sua ineficidade e desgraça. Finalmente ficou em socego sem haver maiores gemidos de suas dores e pensandose que elle dormia socegradamente quando foi m^a filha de manhã p^a o acordar e lhe dar de comer o achou morto e n'outra vida. Certamente teve algum ataque repentino depois da meia noite e com elle acabou seus soffrimentos e seu penar na madrugada da Quinta feira 7 de Agosto. Em 8 Sesta de manhã pelas 7 p^a as 8 horas me foi dada esta triste noticia e imediatamente fui para caza de meu genro a dar providencias e a dirigir o seu funeral. Despachandose hua canoa a Paran^a a chamar ao P^e Agostinho Machado Lima pa se lhe fazerem as ultimas exéquias. (SANTOS, 1851, p. 225).

O tratamento da enfermidade de José Vieira dos Santos comporta evidências de que membros da elite social da vila de Morretes, no fim dos anos 1840 e no início dos anos 1850, não ansiavam somente pelos serviços de médicos. Eles também demandavam os préstimos de boticários e acatavam as sugestões de leigos que possuíam conhecimentos sobre técnicas caseiras de tratamento de moléstias.

O excerto supracitado evidencia que Antônio Vieira dos Santos formulou uma terapêutica caseira destinada à cura da enfermidade de seu filho José. O tratamento de saúde, nessas

circunstâncias, assumia um aspecto multifacetado, visto que era marcado pela aglutinação de recomendações oriundas de distintas fontes. A medicina oficial e as sugestões de leigos que formavam o círculo de relações sociais dos Vieira dos Santos foram decisivas na condução do tratamento de José.

Trata-se de salientar que, em meados do século XIX, componentes da elite social de Morretes também buscavam os préstimos dos curandeiros. Eram esses indivíduos que mantinham uma relação mais próxima com os enfermos em pequenas sociedades do Brasil oitocentista, independentemente do grupo social dos doentes. Concernente ao caso do litoral do atual estado do Paraná, no contexto dos anos 1840, cabe destacar que havia curandeiros em atividade nos municípios como Morretes e Paranaguá. As referências aos casos de Maria Ferreira de Oliveira e de Antônio e José Vieira dos Santos permitem corroborar esta assertiva.

No estágio seguinte deste artigo, compete demonstrar o argumento de que o pai de José Vieira dos Santos também era inclinado a solicitar os serviços dos curandeiros. Em verdade, o tratamento das moléstias do patriarca da família Vieira dos Santos foi realizado sem a orientação médica: a consulta a curandeiros e a manuais de medicina embasaram a construção da terapêutica das doenças de Antônio Vieira dos Santos.

Curandeiros, medicina popular e as implicações de uma terapêutica caseira: o tratamento de saúde de Antônio Vieira dos Santos

A análise do tratamento das moléstias de Antônio Vieira dos Santos demanda ser realizada em dois estágios. Primeiro, é evidenciado que esse tratamento foi executado sem o auxílio de médicos ou curandeiros. Antes, o enfermo desenvolveu um método curativo marcado pela ingestão de purgantes. A forma de utilizar esses purgantes foi aprendida em manuais de medicina popular, notadamente o manual escrito pelo médico francês Alphonse-Louis-Vicent Leroy (1742-1816). Compete salientar,

pois, a ampla circulação de manuais de medicina caseira nas províncias do Brasil monárquico.

Segundo, demonstra-se que, na sociedade onde aquele negociante residia, vigorava uma prática na qual os enfermos tinham de improvisar um tratamento de saúde por meio da elaboração de uma dieta alimentar. Em última análise, tal situação levava os enfermos e seus familiares a elaborarem paliativas formas de tratar as moléstias. Em geral, esse tratamento consistia na execução de técnicas para amainar dores crônicas por meio da aplicação de sugestões provenientes de manuais de medicina popular.

O estudo dos textos memorialísticos de Antônio Vieira dos Santos permite asseverar que ele sofria de uma moléstia denominada de *impigem*, isto é, uma dermatose, moléstia que atingiu as pernas do negociante português. O primeiro sintoma dos padecimentos físicos desse comerciante é datado de março de 1849. Nessa oportunidade, ele fora acometido por erisipela: “Em 9 [de março] Sesta de tarde me deu hum principio de Erysypela na perna direita com o q’ levei a dormir neste dia e no Sabado seguinte 10” (SANTOS, 1851, p. 119).

A partir de janeiro de 1850, começou a se agravar a dermatose nas pernas de Antônio Vieira dos Santos. Ao longo de sua narrativa memorialística, esse negociante mencionou que a dermatose estava presente nas duas pernas. Nesse quadro, ele formulou as primeiras medidas para aplacar o desenvolvimento da moléstia.

O princípio do seu tratamento consistiu em pôr emplastos de mandioca sobre a dermatose. O enfermo conjugava a ingestão de remédios com o uso de medicamentos de uso externo, tais como os emplastos. A respeito de episódios concernentes a janeiro de 1850, encontram-se as seguintes informações sobre o início do tratamento: “Em 8 Terça de tarde, achandome com a m^a perna bastantemente inflammada com a impigem me retirei para caza pondo nella emplastos de mandioca de S^m Pedrinho” (SANTOS, 1851, p. 216-217).

De outra parte, cabe ressaltar que Antônio Vieira dos Santos aplicava em seu tratamento as recomendações presentes em

manuais de medicina, sobretudo o *Manual prático de medicina curativa de Leroy*, do qual aquele negociante possuía um exemplar (SANTOS, 1827, p. 252). Mais precisamente, o comerciante português era assíduo consumidor do *Purgante de Leroy*. Tratava-se de um medicamento aplicado, por exemplo, para aplacar a pneumonia, a desinteira e a hidropisia, e também utilizado como antídoto contra o envenenamento (COSTA, 1998).

No Brasil, os manuais de medicina caseira eram amplamente comercializados e sua popularidade no país perdurou até o fim do século XIX (GUIMARÃES, 2003).

Ao mesmo tempo, a terapêutica da dermatose de Antônio Vieira dos Santos era marcada pelo emprego de recomendações de um curandeiro, o citado Julião.

Durante os anos de 1850 e 1851, essa terapêutica não conheceu substanciais modificações. Ao contrário, ela permaneceu influenciada tanto por recomendações encontradas em manuais de medicina quanto pelas sugestões e remédios produzidos pelo aludido curandeiro, evidenciando o modo como Antônio Vieira dos Santos aglutinava as recomendações extraídas dos manuais às sugestões de um indivíduo que dominava as artes populares da cura. Para tanto, atente-se ao seguinte excerto memorialístico, referente aos meses de março e abril de 1850:

Em 21 [de março] Quinta feira voltei p^a caza por estar com o pé m^{io} inflamado com a impigem onde estive recluzo té o dia 22 tomando hum ou dois purgantes de Manna e Jalapa.

Em 23 Segunda fr^a principiei a tomar purgantes de la Roy, em 25 botei póz dejounnes com o que se augmentou a inflamação. De noite se botou outro unguento ensinado por Julião té o dia 30.

Em Dom^o 24, Segunda 25 e Terça 26 tomei o la Roy.

Em 27 Quarta purgante de Sal amargo.

Em 28, 29 e 30 outros de la Roy principiouse com novo unguento de semente de algodão.

Em 31 Dom^o dia de descanso.

Abril

Em 1 Segunda tomei outro purgante. Em 2 e 3 descanso, a impigem

declinou a melhora. Em 4 Quinta purgante Sal amargo. Em 5 e 6 purgantes de la Roy. Dom^o 7 descanso de n. fui a Igr^a ao terço de S^m Sebastião – nos dias 8, e 10 purgantes de la Roy – senti a impigem com mais ardor talves p^r ajuntar inxofre no unguento. (SANTOS, 1851, p. 219).

Diante da ausência de resultados positivos no tratamento, Antônio Vieira dos Santos empreendeu pequenas modificações nos seus métodos curativos. Nos meses de abril e maio de 1850, a dermatose agravou-se. Incontinenti, o referido negociante abdicou do uso de unguentos em seu tratamento. Contudo, ele manteve a ingestão de purgantes. Segundo o memorialista, essas medidas não tiveram êxito. Ao contrário, houve o aumento da inflamação e das dores.

Desse modo, o excerto transcrito a seguir consiste em um indício a respeito do caráter improvisado da terapêutica efetuada em sociedades do interior do Império. Nesse âmbito, restava ao enfermo empreender pequenas e paliativas alterações nos seus métodos curativos. As informações transcritas abaixo dizem respeito a episódios ocorridos nos meses de maio e junho de 1850:

Em 19 p^a 20 de Maio mostrou a impigem a querer secar, mas na noite de 21 a 22 me veio extrenozam^{te} com grande ardor e resequidão da pelle e com grande resequidão da pelle e purgando bastante.

Em 24 Sesta tomei hum purgaante de la Roy e me doeo bastante a m^a perna tanto de dia como de noite; e me deo a lembrança de só usar pannos molhados com agoa fria sem mais unguento nem folhas com este uzo apareceo melhora na inchação da pelle principalmente.

Desde Sesta 24 de Maio té 31 pasei todas as noites em claro sem poder dormir porque mal apenas me deitava hum ardor picante e insuportavel acudia a pelle que só agoa fria a poderia abrandar té sahindo vapor a maneira de fumaça.

Junho

Sabado 1^o de tarde e noite inflamouse outra ves a perna com

bastantes dores mas no dia 3 em diante mostrou a declinação. Nos dias 3 – 4 – 6 – 8 – 10 e 12 – 16 em todos estes dias tomei purgantes de La Roy sem que houvesse melhoras nas dores, vermelhidão e inflamação. Desde 18 té 26 pasei as noites bastante emcommodado sem dormir. (SANTOS, 1851, p. 220-221).

Nos meses seguintes, Antônio Vieira dos Santos agregou outras substâncias na produção de um método curativo. Em fins de 1850, ele passou a utilizar, por exemplo, mercúrio e cal, posicionando essas substâncias sobre a área da dermatose. Ao mesmo tempo, o negociante permaneceu inclinado a buscar os préstimos de indivíduos que dominavam as artes populares de cura.

Em síntese, o tratamento desse indivíduo era marcado por breves períodos de arrefecimento da dor. Entretanto, o recrudescimento da inflamação e das dores impelia o enfermo a promover pequenas mudanças no modo de tratamento. E, nessas circunstâncias, ele arbitrava solitariamente sobre os rumos do seu processo curativo.

No presente estágio do artigo, compete destacar que Antônio Vieira dos Santos formulava isoladamente o destino de seu método curativo. De forma ocasional, ele obtinha o auxílio de curandeiros e amigos. Nesse contexto, cabe demonstrar que restava ao enfermo realizar o emprego de sugestões que ele captava em manuais de medicina caseira, bem como entre pessoas que pertenciam ao seu círculo de amizades, conferindo autoridade às sugestões de indivíduos que dispunham de conhecimento sobre métodos populares de curar, mas não atuavam rotineiramente como curandeiros.

O excerto reproduzido a seguir comporta informações referentes aos meses de novembro e dezembro de 1850, que demonstram a disposição de Antônio Vieira dos Santos para contatar-se com indivíduos que possuíam informações sobre técnicas populares de feitura de remédios:

Desde 17 ou 18 [de novembro de 1850] principioume a inchar o pé esquerdo bastantemente e o direito m^{to} dolorido e inflamado com grandes dores sem poder nem andar de xinellos e só em a pé no chão e assim continuou ate 7 ou 8 de Dezembro e que declinou a melhorar depois de ter uzado quotidianamente de mercurio e cal lançado sobre a impigem. Havendo principiado em 14 Quinta fr^a a tomar diariam^{te} purgantes de Sippo como p^r espaço de 6 ou 8 dias. [...] Em 14 [de dezembro] Sabado de noite fui em caza da Pucica m^{er} do Manoel de Siqueira consultar com ella sobre ensinarme remedios e curativo p^a a m^a perna. Em 15 Dom^o pasei m^{to} encommodado com dores fortes na perna por lhe botar pedra hume queimada e o emplasto que a Pucica ensinou da massa da farinha e vinagre. Em 16 Segunda de tarde em diante foi minorando a inflamação algum tanto [...] Em 28 Sabado com os excessos dos [meus] paceutos dos dias antecedentes alternouse outra ves a inffamação da Da perna, arrebetando diversas borbulhas e doendome bastante desde manhã ate ao meio dia principalmente. (SANTOS, 1851, p. 229-230).

O relato supracitado evidencia que Antônio Vieira dos Santos era um enfermo que produzia os seus próprios remédios, a partir da orientação de conhecedores de procedimentos curativos populares. As informações apresentadas nos textos memorialísticos desse imigrante português evidenciam que um tratamento de saúde, em uma área interiorana do Brasil oitocentista, era marcado pela contínua adoção e abandono de métodos curativos. Eram tentativas sucessivas para encontrar o remédio, geralmente um fitoterápico, que promovesse uma diminuição dos padecimentos do enfermo. Porém, os resultados desse remédio tinham apenas efeito paliativo, pois a sua principal função era aplacar dores de forma momentânea.

Compete enfatizar, pois, que os amigos do enfermo realizavam sugestões sobre métodos curativos. Dentre os amigos de Antônio Vieira dos Santos, cabe mencionar o professor primário Francisco da Silva Neves, que conhecia a técnica de preparo de um unguento que o memorialista intentou empregar para combater a sua dermatose:

Em 1 [de janeiro de 1851] Quarta fr^a foi o 3^o dia da tomada do cozimento. A perna declinou a secar e a descascar a pelle das ulceras, principiei a uzar de novo o unguento que o [Francisco da Silva] Neves ensinou. Em 2 Quinta foi o 4^o dia da tomada do cozimento com a mesma declinação a quererse decascar apesar da grande vermelhidão e dores. Em 3 Sesta foi o 5^o dia da tomada do cozim^{to} como de tarde houve m^{to} calor a coberta do unguento na perna inflamou bastante mas tirando-o fora e banhando abateo a inflamação e não botei mais unguento deixando as partes a ver livre com o que m^{to} moderou a vermelhidão e inflamação. Em 4 Sabado foi o 6^o dia da tomada de cozimento neste obrei bastante e mta sahiação; fiquei com a perna mto aliviada com hum aspecto de grande melhora. De n. botei o unguento e não tirei. Em 5 Dom^o foi o 7^o dia da tomada do cozimento, obrei. Declinaçõens a melhoras. Em 6 Segunda o 8^o dia foi de manhã a ultima bebida do frasco, mas de tarde continuei com cozim^{to} da infuzão de Salia Senne que tinha preparado p^a isso. (SANTOS, 1851, p. 232).

Por meio do estudo do caso do tratamento de Antônio Vieira dos Santos, nota-se que um dos objetivos centrais dos tratamentos médicos, na vila de Morretes de meados do século XIX, era propiciar a purificação do organismo. Nesse sentido, os enfermos ingeriam substâncias que evitavam o problema da retenção de fezes. Antônio Vieira dos Santos também adotava procedimentos para a desintoxicação do fígado por meio da utilização de pós antibiliosos.

No íterim do tratamento de sua dermatose, Antônio Vieira dos Santos realizou procedimentos de purificação do organismo. Concernente a acontecimentos do mês de maio de 1851, o memorialista apresentou as anotações transcritas a seguir. Elas demonstram que a utilização de purgativos era o procedimento mais usual em uma terapêutica caseira, no contexto de uma sociedade interiorana do Brasil oitocentista:

Em 2 Sesta ou 3 Sabado principiou uma coceira pela mãos e corpo.
Em 4 Domingo engrossamento do rosto m^{to} avermelhado e principio

de uma irrupção geral por todo o corpo. De n. m^{to} encommoado com a irrupção. Em 5 Segunda de manhã principiou a inchar o rosto com m^{to} comichão e grossura, orelhas coceira na cabeça, e barba e em todo o corpo. De noite m^{to} encommoado sem dormir. Em 6 Terça a irrupção chegou a seu maior auge as faces m^{to} inchadas; as palpebras sem poder a abrir os olhos, fontes e testa. De noite encommoado sem poder dormir. Em 7 Quarta de tarde mostrei ao Joze Pedro receitou a infusão de linhaça, agoa de roza e da Colonia p^a lavar o rosto, e purgante de Sal amargo. De noite m^{to} encommoado sem dormir. Em 8 Quinta de manhã tomei o purgante do Sal amargo que obrei e lavagem a miudo do rosto. De noite m^{to} encommoado sem poder dormir. [...] Em 12 Segunda tomei hum purgante de Sal amargo sempre obrei. De n. tive hum sonno. mas m^{to} encommoado com a inflamação do pé esquerdo subindo o calor a 16 grãos. Em 13 Terça de tarde principiei a tomar os pós Antibilozos. De n. m^{to} encommoado sem poder dormir com picadas lancinantes no pé esquerdo a cada instante e grande inflamação. O rosto e as orelhas mais abatida da irrupção. Em 14 Quarta começouse a banhar os pés com agoa de linhaça moderação das dores nada de obrar. Depois do almoço dormi hum pouco. (SANTOS, 1851, p. 242-243).

Outro método curativo utilizado por Antônio Vieira dos Santos consistia na aplicação de emplastos sobre as pernas, que constava entre as técnicas cuja utilização possibilitava uma circunstancial melhora, de forma a evitar que o sono do enfermo fosse perturbado pelas dores. Embora o resultado desse procedimento fosse também paliativo, pois esse negociante voltava a sofrer de modo intermitente com as dores e a inflamação causadas pela dermatite, em um cenário social carente de assistência médica, a conquista de sono regular era o principal êxito da terapêutica caseira empregada por Antônio Vieira dos Santos. A respeito de episódios ocorridos em junho de 1851, o memorialista destacou:

Em 7 [de junho] Sabado de manhã tirei os emplastos e continuei

todo o dia a por pannos seccos sobre as partes affectadas estes inflamarão as partes a um ponto excessivo com extraordinario corrimto com m^{tas} dores e picadas insuportáveis em ambos os pés. De n. se botou os emplastos mas a inflamação não abrandou no pé esquerdo pasando muito encommodado té as 10 horas da n. e botandose o segundo sempre se abrandou algua coisa e pude dormir o resto da noite (SANTOS, 1851, p. 248).

Nesse âmbito, as passagens derradeiras do texto memorialístico de Antônio Vieira dos Santos evidenciam que a rotina do tratamento das enfermidades desse negociante tinha como objetivo central mitigar as dores e reduzir a inflamação das pernas. Em última instância, a terapêutica caseira desse indivíduo consistia em um conjunto de medidas para abrandar circunstancialmente os sintomas da dermatose. Nos momentos em que esse método paliativo malograva, o enfermo tinha o sono afetado pelas dores. Assim, conter o avanço da inflamação e impedir que ela causasse maiores distúrbios em sua fisiologia era o objetivo crucial da terapêutica caseira executada pelo mencionado negociante.

A informação transcrita a seguir evidencia que a falha do método curativo causava malefícios tais como a insônia. Essa falha criava uma situação na qual os incômodos físicos estavam presentes em todos os momentos da rotina de Antônio Vieira dos Santos. Leia-se, pois, a passagem do texto memorialístico concernente a episódios que datam do mês de junho de 1851:

Em 13 [de junho de 1851] Sesta, desde m. ate ao ponto que a Lua foi cheia as 3 da tarde estiverão bem doloridas as pernas mas depois disso moderarão e dormi bem de noite. Neste dia não tomei o cozimento da batata e sim limonadas de laranja por cauza do defluxo. Em 14 Sabado, neste dia inda continuou alguns corrimtos e latejamentos e como botase unguento no peito do pé dirto este inflamouse e ate depois da meia noite não dormi com dores e incommodado, e só hum bocado ao romper do dia. Em 15 Domingo inda continuarão os escorrimentos com os emplastos, e

banhos d'ágoa salgada, mas de noite pasei sofrivelmente quazi sem dores e pouco corrimento Na noite deste dia pasei encommodado ate depois da meia noite com inflamação do pé direito sem poder dormir; e só soceguei um bocado ao amanhecer. (SANTOS, 1851, p. 249-250).

Tais reminiscências consistem em indícios de que um tratamento de enfermidade, na vila paulista de Morretes de meados do século XIX, consistia na ingestão de remédios preparados à base de plantas e na adoção de uma dieta alimentar, a qual era modificada em virtude do não desaparecimento dos sintomas da moléstia. Nesse quadro, verifica-se que a terapêutica empregada por esse indivíduo era marcada por procedimentos caseiros, tais como a feitura de emplastos e a ingestão de remédios recomendados por médicos ou produzidos por curandeiros. Porém, o consumo desses remédios era interrompido pelo próprio enfermo diante do agravamento de seus padecimentos.

Assim, os métodos curativos empregados nessa sociedade eram essencialmente paliativos, pois permitiam aos enfermos um circunstancial abrandamento dos sintomas das suas doenças. Em última análise, esses métodos curativos eram direcionados a minorar dores crônicas. Ao mesmo tempo, outro objetivo dos tratamentos caseiros era evitar que a enfermidade causasse prejuízos à fisiologia. Por consequência, era amplamente realizada a adoção de remédios purgativos.

Considerações finais

A historiografia tem dedicado atenção aos impactos das epidemias nas províncias e às políticas formuladas em razão dessas epidemias. Ao mesmo tempo, tem-se avançado na produção de um conhecimento sobre as circunstâncias que engendraram a criação de cursos de cirurgia e de medicina no Brasil, do fim do período colonial ao princípio da época imperial. Ainda, os estudos históricos reconhecem a disseminação das artes populares de cura na formulação de métodos terapêuticos no Brasil oitocentista.

Contudo, a historiografia pouco avançou no estudo sobre as implicações das terapêuticas caseiras empregadas do Brasil no mencionado período. Assim, a investigação desenvolvida no presente artigo teve a finalidade precípua de evidenciar, a partir do caso de uma família de origem portuguesa radicada no litoral do atual estado do Paraná, o aspecto difuso de uma terapêutica caseira, os distintos agentes envolvidos na elaboração dessa terapêutica e os impactos nas mudanças na condução de um tratamento.

Em resumo, os textos memorialísticos de Antônio Vieira dos Santos comportam evidências sobre as características e os reveses dos métodos terapêuticos desenvolvidos pelos habitantes das pequenas sociedades provinciais. Mais especificamente, esses textos contêm evidências atinentes à terapêutica das moléstias de membros de elites locais, que possuíam maiores condições econômicas para obter o acesso regular aos serviços dos médicos.

O estudo dos aludidos textos permite a sustentação de dois argumentos. Primeiro, verifica-se que a busca pelos préstimos dos médicos era realizada por membros de elites locais de área litorânea do Brasil Meridional. Para tanto, eles empregavam os seus recursos econômicos para consultar esses profissionais, bem como para se deslocar até os municípios nos quais os médicos atendiam.

Entretanto, essas elites não concediam primazia aos conhecimentos desses profissionais em relação aos conhecimentos oriundos das artes populares de curar. Antes, o método terapêutico adotado de forma mais frequente pelos Vieira dos Santos era marcado pela junção de saberes da medicina erudita e os saberes de indivíduos que dominavam as formas populares de cura. Nesse quadro, eram distintos os perfis sociais e econômicos dos indivíduos que auxiliaram Antônio e José Vieira dos Santos na elaboração de uma terapêutica caseira. Mais precisamente, ambos os enfermos acataram sugestões fornecidas, por exemplo, por indivíduos que atuavam como curandeiros, produtor de ervamate e alfaiate.

Segundo, compete salientar que havia ocasiões em que o próprio enfermo era o árbitro principal do tratamento de sua doença. Tal situação foi peculiar ao caso de Antônio Vieira dos Santos. Ele detinha a prerrogativa de adotar ou abandonar métodos terapêuticos, os quais eram aprendidos por meio da leitura de manuais de medicina e contato com curandeiros e amigos. O tratamento de saúde empreendido por aquele português era marcado por contínuas tentativas de aplacar as dores decorrentes de uma dermatose. Porém, o principal resultado desse tratamento consistia em abrandar momentaneamente os incômodos provocados pela moléstia.

Dessa maneira, uma característica da terapêutica caseira adotada em sociedades provinciais era o ecletismo. A adoção de remédios sugeridos por diferentes fontes e a irregularidade da execução dos métodos curativos eram evidências desse ecletismo. Os alívios episódicos dos padecimentos físicos consistiram nos principais efeitos do tratamento ao qual Antônio e José Vieira dos Santos foram submetidos. Contudo, a dificuldade para atingir esses alívios implicava novas mudanças no método terapêutico. Essas mudanças, portanto, consistem em uma evidência do aspecto acidentado do desenvolvimento de uma terapêutica caseira no contexto da sociedade litorânea do Brasil oitocentista.

Fontes

REVISTA GENEALÓGICA LATINA. São Paulo: Instituto Genealógico Brasileiro, v. 9/10, 1956.

SANTOS, Antônio Vieira dos. *Breve resumo das memórias mais notáveis acontecidas de 1797 até 1827*. Manuscrito sob a guarda do Círculo de Estudos Bandeirantes, 1827, 354 fls.

SANTOS, Antônio Vieira dos. *Memórias dos Sucessos mais notáveis acontecidos desde o ano de 1838*. 1838. Manuscrito sob a guarda do Círculo de Estudos Bandeirantes, 1851, 297 fls.

Referências bibliográficas

ALVES, Alessandro Cavassin. *A província do Paraná (1853-1889): a classe política, parentela no governo*. 2014. 505 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

ARMUS, Diego; HOCHMAN, Gilberto. *Cuidar, controlar, curar: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004.

BRASIL. Recenseamento do Brasil em 1872. Rio de Janeiro: Typographia Leuzinger, 1874. v. 9.

CAVAZZANI, André Luiz Moscaleski. *Tendo o sol por testemunha: população portuguesa na Baía de Paranaguá (c. 1750-1830)*. 2013. 352 f. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

CHACON, Vamireh. *Abreu e Lima: general de Bolívar*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

CHALHOUB, Sidney (Org.). *Artes e ofícios de curar no Brasil: capítulos de história social*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. *Diccionario de medicina popular e das sciencias acessórias para uso das famílias*. Paris: A. Roger & F. Chernoviz, 1890. v. 1.

COSTA, Emília Viotti da. *Da senzala à colônia*. São Paulo: Editora da Unesp, 1998.

COSTA, Samuel Guimarães da. *O último capitão-mor (1782-1857)*. Curitiba: Editora da Universidade Federal do Paraná, 1988.

FARIAS, Rosilene Gomes. Pai Manoel, o curandeiro africano, e a medicina no Pernambuco imperial. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 19 (supl.), p. 215-231, dez. 2012.

FERRETTI, Mundicarmo. *Pajelança do Maranhão no século XIX: o caso de Amélia Rosa*. São Luís: CMF/FAPEMA, 2004.

FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves. *Cirurgiões, médicos boticários e curandeiros no século XIX em Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 2002.

GOMES, Sandro Aramis Richter. *Descentralização e pragmatismo: condições sociais de produção das memórias históricas de Antônio Vieira dos Santos (Morretes e Paranaguá, décadas de 1840-1850)*. 2012. 323 f. Dissertação (Mestrado em História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.

GUIMARÃES, Márcia Regina Cotrim. *Civilizando as artes de curar: Chernoviz e os manuais de medicina popular no Império*. 2003. 104 p. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, Rio de Janeiro, 2003.

HOERNER JÚNIOR, Valério. *A vida do Dr. Leocádio José Correia*. Curitiba: Vicentina, 1979.

LUZ, Madel Therezinha. *A arte de curar versus ciência das doenças: história social da homeopatia no Brasil*. São Paulo: Dynamis Editorial, 1996.

PEREIRA, Magnus. *Semeando iras rumo ao progresso*. Curitiba, Editora da Universidade Federal do Paraná, 1996.

PIMENTA, Tânia. *Barbeiros, sangradores e curandeiros no Brasil (1808-28)*. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 349-374, 1998.

REZENDE, Joffre Marcondes de. *À sombra do Plátano: crônicas de história da medicina*. São Paulo: Editora da Universidade Federal de São Paulo, 2009.

RIBEIRO, Márcia Moisés. *A ciência dos trópicos: a arte médica no Brasil do século XVIII*. São Paulo: Hucitec, 1997.

SAMPAIO, Gabriela dos Reis. *Nas trincheiras da cura: as diferentes medicinas no Rio de Janeiro imperial*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

SANTOS FILHO, Lycurgo de Castro. *História geral da Medicina brasileira*. São Paulo: Hucitec, 1991. v. 1.

VASCONCELOS, Zacarias de Góes e. *Relatório do presidente da província do Paraná na abertura da Assembleia Legislativa Provincial em 15 de julho de 1854*. Curitiba: Typographia de Cândido Martins Lopes, 1854.

VIOTTI, Ana Carolina de Carvalho. *As práticas e os saberes médicos no Brasil colonial (1677-1808)*. 2012. 179 f. Dissertação (Mestrado em História e Cultura Social) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais de Franca, Universidade Estadual Paulista – Júlio de Mesquita Filho, Campus de Franca, 2012.

WISSENBACH, Maria Cristina. Gomes Ferreira e os símplices da terra: experiências sociais dos cirurgiões no Brasil-Colônia. In: FURTADO, Júnia Ferreira (Org.). *Erário Mineral [1735]*. Luís Gomes Ferreira. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2002. p.107-149.

WITTER, Nikelen Acosta. *Dizem que foi feitiço: as práticas de cura no sul do Brasil (1845 a 1880)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

WITTER, Nikelen Acosta. *Males e epidemias: sofredores, governantes e curadores no sul do Brasil (século XIX)*. 2007. 297 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2007.

Recebido em julho de 2016.

Aprovado em outubro de 2017.